

“SE EU PENSAVA, EU EXISTIA”: AUTORIA E ANIMALIDADE EM *MEMÓRIAS DE PORCO-ESPINHO*, DE ALAIN MABANCKOU

“I THOUGHT, THEREFORE I MUST EXIST”: AUTHORSHIP AND ANIMALITY IN *MEMOIRS OF A PORCUPINE*, BY ALAIN MABANCKOU

Gabriela Beduschi Zanfelice¹

Fernanda Gallo²

Resumo: O enredo de *Memórias de porco-espinho* consiste em confissões feitas por um porco-espinho a um baobá sobre sua vida e os crimes que cometeu em nome de seu mestre humano Kibandí. Anunciando abertamente sua animalidade, o porco-espinho ironiza os padrões classificatórios e generalistas dos humanos, mobilizando uma série de elementos que colocam em xeque certos binarismos como natureza e cultura, seres animados e seres inanimados, e questionam a inadequação dessas classificações frente à diversidade e à complexidade animal. Neste artigo, busca-se analisar os modos através dos quais essa autobiografia animal convoca a repensarmos conceitos como humano e não-humano, a categorização em gêneros literários específicos e bem delimitados, os paradigmas dominantes da ciência e as relações entre ficção e realidade, com implicações significativas para examinarmos as relações entre humanos e animais.

Palavras-chave: zooliteratura, ecocrítica, literaturas africanas.

Abstract: The story of *Memoirs of a Porcupine* consists in confessions made by a porcupine to a baobab about his life and the crimes he has committed in the name of his human master Kibandí. Openly announcing his animality, the porcupine mocks human

¹ Mestranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): bolsista Fapesp (processo nº 2020/12785-6): <gabi.beduschi@gmail.com>.

² Pós-doutoranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): bolsista Fapesp (processo nº 2018/04573-9): <fernandabggallo@gmail.com>.

classificatory and generalist practices and standards, mobilizing several elements that call into question certain binaries such as culture and nature, animate and inanimate beings, as well as the very inadequacy of such classifications with respect to animal diversity and complexity. This article analyses the ways in which this animal autobiography calls us to rethink concepts such as human and non-human, the categorization in specific and well-limited literary genres, science's dominant paradigm and the relationship between reality and fiction, with significant implications for examining the relations between human and non-human.

Keywords: Zooliterature, Ecocriticism, African Literatures.

Alain Mabanckou é um dos escritores africanos mais notáveis da atualidade. Desde que sua obra *Copo quebrado* [*Verre cassé*, 2005] (MABANCKOU, 2018a) foi galardoada com o Prêmio dos Cinco Continentes da Francofonia e o Prêmio RFO do livro,³ o autor vem assistindo a um aumento exponencial em seus níveis de popularidade, aspecto fortalecido por suas frequentes aparições em diversos eventos, canais midiáticos e pela potência das casas editoriais que publicam suas obras no contexto francês.⁴ Seu romance *Memórias de porco-espinho* [*Mémoires de porc-épic*, 2006] (MABANCKOU, 2017a), publicado apenas um ano após o sucesso que conheceu *Copo Quebrado*, foi igualmente agraciado pela crítica e o público, tendo recebido os prêmios Renaudot em 2006 e Créateurs sans Frontières em 2007. Traduzido para mais de quinze línguas, o autor foi pessoalmente agraciado pelo ministro da cultura francês Frédéric Mitterrand com o grau de Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião da Honra (a maior condecoração honorífica francesa, instituída por Napoleão Bonaparte em 1802), consagrando assim seu lugar de

³ Em francês, Prix des Cinq Continents de la Francophonie e Prix RFO du livre, respectivamente. O primeiro foi criado em 2001 pela Organização Internacional da Francofonia e o último refere-se à premiação anual concedida entre 1995 e 2010 pela RFO – *Réseau France Outre-mer*, rede de rádio e TV francesa operando em departamentos ultramarinos (em 2010 renomeada como *Réseau Outre-Mer Première*).

⁴ Observando a trajetória editorial das publicações de Mabanckou, Jean-Michel Devésa (2012, pp. 93-94) observa que apenas após sua entrada nas Éditions Le Serpent à Plumes, seguida de sua passagem pela Seuil e seu estabelecimento na Gallimard, é que Mabanckou começa a atingir um maior grau de notoriedade e de sucesso comercial. Antes de sua inserção nas editoras francesas, o autor havia publicado seus livros na Maison Rhodanienne de Poésie (*Au jour le jour*, 1993), nas Éditions Nouvelles du Sud (*L'Usure des lendemains*, 1995), nas Éditions Harmattan (*La Légende de l'errance*, 1995) e na Présence Africaine (*Bleu blanc rouge*, 1998 e *Et Dieu seul sait comment je dors*, 2001) – período em que, apesar de ter recebido outros prêmios como o Prix Jean-Christophe de la Société des Poètes Français e o Grand Prix Littéraire de l'Afrique Noire, não obteve retornos comerciais significativos. Mabanckou foi, além disso, o primeiro escritor africano negro a ser publicado na coleção composta exclusivamente por autores brancos da Gallimard (DEVÉSA, 2012, p. 96).

destaque na chamada literatura francófona bem como mundial. Nascido em Pointe-Noire, na República do Congo (ou Congo-Brazzaville), fez sua pós-graduação na França, onde viveu durante muitos anos, e é atualmente professor de literatura francófona na Universidade da Califórnia (UCLA).

Como indicia essa breve exposição, seus percursos pessoal e profissional são atravessados por deslocamentos entre três continentes e diversos países, característica que se reflete em muitas de suas obras e entrevistas que tematizam questões relativas à identidade, à migração, ao pertencimento e à memória; assim como a sua inequívoca inserção na chamada comunidade francófona (mas não só) é também evidenciada em diversos aspectos de sua carreira. O adjetivo “francófono”, embora seja alvo de debates acalorados, está ostensivamente presente nos títulos dos prêmios que ele recebe, nas disciplinas que leciona, nas entrevistas que fornece e até em suas produções extra literárias.⁵ Tais percursos transnacionais da vida do autor parecem levar, contudo, parte de sua fortuna crítica a assumir concepções que podemos considerar como essencialistas, evidenciando produções que, por um lado, ocultam a nacionalidade congoleza do autor a fim de exaltar sua nacionalidade francesa – considerando-o como um escritor “‘francês negro’ ou ‘afro-francês’” [“français noir” ou “afro-français”]⁶ (DEVÊSA, 2012, p. 94) ou até “desenraizado” [déraciné] (MARIE, 2013, p. 84) – e, por outro lado, valem-se de critérios linguísticos considerados problemáticos no que diz respeito a autores não ocidentais, ecoando um conceito que parece insistir numa ordem colonial.⁷

A questão da nacionalidade é, aliás, um fenômeno recorrente quando se trata de autores africanos ou europeus negros, como demonstra a recente discussão ao redor do escritor tanzaniano Abdulrazak Gurnah. Após sua nomeação ao Prêmio Nobel da Literatura, diversos jornalistas e autores questionaram veementemente sua nacionalidade tanzaniana e até mesmo sua negritude, alegando que se tratava em verdade de um escritor britânico e branco, devido ao fato de Gurnah ter vivido a maior parte de sua vida no Reino Unido e ter origens muçulmanas (SAÚTE, 2021; CARRIÓN, 2021). A escritora Fatou Diome (2017), por sua vez, reivindica

⁵ Ver Barbery *et al.* (2007).

⁶ As citações retiradas de obras em inglês ou francês que aparecem ao longo deste texto foram traduzidas livremente pelas autoras.

⁷ Sobre as problemáticas e implicações por trás de conceitos como francofonia, lusofonia e anglofonia, ver Brugioni (2013).

sua nacionalidade franco-senegalesa, afirmando que seu direito de estar na França não decorre de seu local de nascimento, mas de sua própria escolha e da resistência que teve de desenvolver ao longo dos oito anos em que lá viveu. Em Portugal, por fim, a inexistem censos que permitam aferir a quantidade de habitantes negros e a utilização da problemática lei da imigração (BUALA, 2017), que postula que filhos de imigrantes nascidos em Portugal devem ter a nacionalidade dos pais. Bianca Mafra Gonçalves, retomando Henriques (2012), afirma que essa ausência “contribui para que negros/as nascidos/as em Portugal sintam-se estrangeiros em sua própria terra” (GONÇALVES, 2019, pp. 126-127).

Como pretendemos demonstrar ao longo deste artigo, a obra *Memórias de porco-espinho*, de Alain Mabanckou (2017a), mobiliza uma série de elementos que colocam em xeque certas concepções eurocêntricas, como as mencionadas acima, e os binarismos natureza e cultura, seres animados e seres inanimados, construindo uma narrativa complexa que dificilmente pode ser enquadrada em nacionalidades ou gêneros literários convencionais. Tipicamente tido como o romance “mais africano” de Mabanckou, tendo sido “saudado unanimemente como uma homenagem à grande e bela tradição do conto africano” (MARIE, 2013, p. 78),⁸ a obra inscreve, com efeito, um diálogo intertextual entre obras, temas e gêneros que desafiam classificações fáceis de sua obra. Através da inscrição de uma autobiografia animal, *Memórias de porco-espinho* convoca a repensarmos conceitos como humano e não-humano, a categorização em gêneros literários específicos e bem delimitados, os paradigmas dominantes da ciência e as relações entre ficção e realidade, com implicações significativas para examinarmos as relações entre humanos e animais.

Assim como observam Graham Huggan e Helen Tiffin (2010, pp. 5-6) ao discutir a obra de Val Plumwood (2003, p. 53), as conexões entre racismo e especismo são incontornáveis, uma vez que a própria definição ocidental de humanidade historicamente dependeu, assim como ainda depende, da presença do elemento não-humano, fornecendo uma base sobre a qual a colonização e o imperialismo europeus pudessem se apoiar. Ao postular sociedades não ocidentais como incivilizadas, primitivas, animais e mais próximas à natureza, a ideologia da colonização fundava-se a partir da aliança fundamental entre antropocentrismo e eurocentrismo, levando

⁸ “[...] le roman fut unanimement salué comme un hommage rendu à la grande et belle tradition du conte africain”.

gradualmente à aceitação ética e à institucionalização da priorização de seres humanos e seus interesses em detrimento de todas as outras espécies do planeta. Nesse sentido, o estudo crítico da literatura que se debruça sobre temas como o ambiente e os animais torna-se crucial para desfazermos o tipo de “fronteiras e hierarquias epistemológicas – mais evidentes em condições históricas e/ou contemporâneas de colonialismo do que em qualquer outro domínio – que colocaram os humanos contra outros animais, e ambos contra um mundo natural externalizado” (HUGGAN; TIFFIN, 2010, p. 23, n. 2).⁹

São diversos os escritores contemporâneos que representam a chamada questão animal, com obras que constituem espaços ficcionais de reflexão sobre o mundo animal em seus aspectos estéticos, culturais, éticos e políticos. Conforme afirma Maria Esther Maciel,

Tomados geralmente como o estranho por excelência, como o que só pode ser apreendido a partir de sua relação com o humano, os animais sofreram, ao longo dos séculos e milênios, múltiplas representações e interpretações, convertendo-se não apenas em signos vivos daquilo que sempre escapa à nossa compreensão, mas também no nosso “possível ilimitado”, visto que assumem inúmeros registros, formas, intensidades e papéis em nossa imaginação (MACIEL, 2010, p. 93).

A autora observa que tais registros animais incluíram historicamente textos pertencentes aos mais diversos gêneros, como por exemplo as fábulas moralizantes, onde os animais serviam como metáforas para os seres humanos (Esopo, La Fontaine); as obras enciclopédicas, que visavam à descrição e à taxonomia supostamente objetivas do reino zoológico, abrindo espaço para a criação e a consolidação de teorias evolucionistas da modernidade (Aristóteles, Lineu); os bestiários, cujas ilustrações e descrições de animais reais e fantásticos, sobretudo entre os séculos XV e XVIII, evidenciavam a “experiência de assombro do colonizador diante da diferença, da alteridade radical representada pelos animais exóticos” (MACIEL, 2007, p. 199) pertencentes à fauna do Novo Mundo; dentre outros. É apenas a partir do século XX, assim, que a zooliteratura emerge como um “espaço de reflexão crítica sobre a questão animal num mundo em que o homem se define a partir da dominação que exerce sobre os viventes não-humanos e, simultaneamente, utiliza o animal para justificar

⁹ “[...] the epistemological hierarchies and boundaries – nowhere more apparent than under historical and/or contemporary conditions of colonialism – that have set humans against other animals, and both against an externalised natural world”.

a dominação sobre outros seres humanos” (MACIEL, 2008, pp. 17-18). Alguns exemplos dessa literatura são *Nós matamos o cão tihoso!* (2017) de Luís Bernardo Honwana, *Jardim Zoológico* (1999) de Wilson Bueno, *Temps de chien* (2001) de Patrice Nganang, *O vendedor de passados* (2009) de José Agualusa, *A vida dos animais* (2002) e *Desonra* (2000) de J. M. Coetzee, *Memória de um urso-polar* (2019) de Yoko Tawada, *Manual de zoologia fantástica* (1998) de Jorge Luis Borges e Margarita Guerrero, *Ave, palavra* (1978) de João Guimarães Rosa, *A paixão segundo GH* (1979) e *Água viva* (1980) de Clarice Lispector e *A metamorfose* (2000) de Franz Kafka. Por sua vez, teóricos das mais diversas áreas também se debruçaram sobre o animal e suas representações, fornecendo um arsenal teórico e crítico com o qual pensar e analisar textos literários de diferentes autores, a cujas obras as relações entre humanos e não-humanos são centrais, a exemplo de Jacques Derrida, Elisabeth de Fontenay, Donna Haraway, Dominique Lestel, Gabriel Giorgi e Eduardo Viveiros de Castro.

O enredo de *Memórias de porco-espinho* consiste em confissões feitas por um porco-espinho a um baobá sobre sua vida e os crimes que cometeu em nome de seu mestre humano Kibandí, um homem assassinado dois dias antes do ponto em que se inicia a narrativa e de quem é o duplo nocivo. Tudo o que sabemos, com exceção da Dedicatória e do Anexo, sabemos através do relato desse porco-espinho não nomeado e excepcionalmente velho. Possui quarenta e dois anos, enquanto grande parte dos porcos-espinhos podem “no melhor dos casos viver até os vinte e um anos” (MABANCKOU, 2017a, p. 12),¹⁰ e apenas ao final do livro descobrimos o apelido que lhe foi concedido por Kibandí: Ngumbá, ou “porco-espinho”, palavra que ele despreza e finge não ouvir devido às suas “sonoridades desagradáveis” (p. 83) e, provavelmente, ao fato de que ele não se considera um porco-espinho como qualquer outro.

Se a postulação de um porco-espinho como o autor da narrativa tende a gerar uma maior desconfiança sobre a questão da autoria por parte daqueles que se dedicam a analisar o romance, outros elementos da própria obra também parecem convocar reflexões a esse respeito, incitando indagações acerca das relações entre ficção e realidade. No que tange às partes pré-textuais do livro, dois aspectos chamam atenção. Em primeiro lugar, na

¹⁰ Citaremos alternativamente as versões original e traduzida do texto a fim de realçar aspectos que podem porventura estar mais explícitos na língua original, sem, entretanto, cair num preciosismo desmedido que evita a qualquer custo a tradução existente – bastante cuidadosa para com o original, como evidencia Nogueira (2017).

folha de rosto da edição francesa das Éditions du Seuil, lemos: “*Mémoires de porc-épic – Roman*”, indicando que se trata, com efeito, de um romance. Em segundo lugar, a dedicatória se endereça enrede três destinatários: “ao meu amigo e protetor o Escargô cabeçudo, aos clientes do bar O Crédito Viajou, e a minha mãe Pauline Kengué de quem peguei esta história (com algumas mentiras)” (MABANCKOU, 2017a, [s.p.]). Os dois primeiros interlocutores – “*meu amigo e protetor o Escargô cabeçudo*” e os clientes do bar – sugerem que o autor da dedicatória seja Copo Quebrado, narrador e personagem principal do livro homônimo de Mabanckou e que é amigo da personagem o Escargô cabeçudo, frequentador assíduo do bar O Crédito Viajou. Curiosamente, no entanto, a menção à “*minha mãe Pauline Kengué*” fornece outra interpretação, redirecionando a autoria do texto tanto ao próprio Mabanckou, uma vez que este é o nome de sua mãe biológica (NOGUEIRA, 2017, p. 17), quanto a Pauline Kengué, creditada como a fonte da história a ser contada. Por fim, a confissão de que a história é adotada “com algumas mentiras” adiciona ainda outro jogo entre a ficção e a realidade. Mesclando características relacionadas à vida pessoal do autor com aspectos de suas obras literárias numa parte do livro que é tipicamente privada de tom ficcional, *Memórias de porco-espinho* inscreve, desde o início da obra, uma estratégia textual complexa que tem o efeito de desestabilizar quaisquer classificações imediatas acerca da autoria do texto e de certezas sobre o que é realidade e o que é ficção.

Passando para o corpo do texto, a exposição da narrativa cabe ao porco-espinho e ao seu monólogo de aproximadamente cem páginas, endereçado ao seu interlocutor, o baobá, registrando a autoria animal da história. O diálogo¹¹ entre o porco-espinho e o baobá se inicia já a meio das confissões do animal, quando, nas primeiras linhas da obra, lemos:

[...] então eu sou só um animal, um animal de nada, os homens diriam uma besta selvagem como se não existissem outras mais bestas e mais selvagens que nós na espécie deles, para eles eu não passo de um porco-espinho, e como só acreditam naquilo que veem, deduziriam que não tenho nada de

¹¹ Vale mencionar que este diálogo, se é que pode ser considerado como tal, é bastante restrito, uma vez que o baobá não fala ou responde ao porco-espinho, apenas apresenta algumas movimentações que o porco-espinho interpreta como gestos responsivos, como no último parágrafo do livro, em que ele afirma que o baobá “remexe seus galhos em sinal de incredulidade” (MABANCKOU, 2017a, p. 86).

particular, que pertenço ao grupo de mamíferos munidos de longos espinhos (MABANCKOU, 2017a, p. 11).¹²

Anunciando sua animalidade (ainda que por meio de uma construção negativa, “je ne suis qu’un animal”), o porco-espinho ironiza e ridiculariza as atitudes e as definições dos humanos que, com seus padrões classificatórios e generalistas, iriam tomá-lo por um simples membro do “grupo de mamíferos munidos de espinhos”, sem nada de particular, uma verdadeira *besta selvagem* – “como se não existissem outras mais bestas e mais selvagens que nós na espécie deles”. Mas isso não é feito sem que o porco-espinho demonstre também seus próprios preconceitos com relação a outros seres humanos e não-humanos que abertamente hierarquiza e ridiculariza. Numa passagem em que reflete sobre a possibilidade de existência de vida após a morte, o porco-espinho afirma que não gostaria de morrer, pois nada lhe garante que poderia continuar sendo um porco-espinho em sua próxima reencarnação: “talvez me reencarne em minhoca, em joaninha, em escorpião, em medusa, em lagarta das palmeiras, em lesma ou não sei que outro bicho execrável e indigno da minha espécie atual que me deixaria invejoso de qualquer outro animal” (MABANCKOU, 2017a, p. 20), afirmando que prefere seus espinhos aos tumultos dos cães do vilarejo, à carapaça da tartaruga, à tromba do elefante, aos chifres do búfalo, entre outros.

Por um lado, a crítica aos padrões classificatórios humanos aponta para um projeto político por parte de Mabanckou de inserir a narrativa animal no contexto de um questionamento mais amplo sobre a inadequação dessas classificações frente à diversidade e à complexidade animal, com implicações significativas no que tange à necessidade de mudanças desses paradigmas. Por outro lado, o fato de que o porco-espinho também hierarquize animais e plantas entre seres considerados, a seu ver, mais ou menos imponentes, mais ou menos inteligentes etc., evita uma leitura demasiadamente romantizada acerca do animal, levando-nos a considerar a possibilidade de que, fôssemos nós capazes de entender a linguagem dos animais, perceberíamos que eles também apresentam pontos de vista diferentes entre si. Esta última estratégia,

¹² “[...] donc je ne suis qu’un animal, un animal de rien du tout, les hommes diraient une bête sauvage comme si on ne comptait pas de plus bêtes et de plus sauvages que nous dans leur espèce, pour eux je ne suis qu’un porc-épic, et puisqu’ils ne se fient qu’à ce qu’ils voient, ils déduiraient que je n’ai rien de particulier, que j’appartiens au rang des mammifères munis de longs piquants” (MABANCKOU, 2006, p. 8).

alinhada ao que poderíamos considerar como um antropomorfismo mais exacerbado, tem o efeito de “gerar simpatia ou empatia através da similaridade” (HUGGAN; TIFFIN, 2010, p. 152),¹³ impelindo-nos a “re-pensar os modos através dos quais o animal, e por extensão o animalesco, nos é apresentado, e como suas abordagens bastante diferentes permitem-nos viver com, e agir a partir de, visões consideravelmente contraditórias” (p. 152).¹⁴

Após o final da narrativa do porco-espinho, em mais uma reviravolta autoral nos deparamos com um Anexo constituído por uma carta escrita pelo Escargô cabeçudo às Éditions du Seuil “sobre a origem do manuscrito de *Memórias de porco-espinho*” (MABANCKOU, 2017a, p. 87).¹⁵ Na carta, o Escargô cabeçudo – também significativamente nomeado em referência a um animal – atribui a autoria de *Memórias de porco-espinho* ao falecido Copo Quebrado, requerendo às Éditions du Seuil que publiquem postumamente a obra de seu amigo. A carta convida ainda a reflexões sobre a questão da mediação editorial, tendo em vista que o Escargô cabeçudo expressa seu descontentamento com a decisão editorial da Seuil de publicar o último livro de seu amigo sob o título de *Copo Quebrado* em vez de *O crédito viajou*, como deveria ter sido efetivamente intitulado. Por fim, há ainda margem para crer que, mesmo que a autoria seja de Copo Quebrado, ele tenha “roubado as histórias de vida” (MABANCKOU, 2017a, p. 88) do porco-espinho, assim como o fez com as histórias de seus companheiros de bar Pampers e Robinette, conforme relata o Escargô cabeçudo.

Para Yves Clavaron, trata-se, portanto, de uma autobiografia animal na qual o porco-espinho é um narrador autodiegético que, desde o início do texto, reivindica explicitamente sua animalidade. Segundo o autor, a escolha de um animal pouco usual como o porco-espinho enquanto o porta-voz da narrativa evidencia “uma vontade de africanizar o quadro e de recentralizar o ponto de vista sobre um outro continente”

¹³ “[...] generating sympathy or empathy through similarity”.

¹⁴ “[...] re-think the ways in which the animal, and by extension the animalistic, is presented to us, and how their very different approaches enable us to live with and act out of quite contradictory views”.

¹⁵ Além de *Memórias de Porc-Épic* (2006), as Éditions du Seuil já publicaram outras oito obras do autor, a saber: *Huit leçons sur l’Afrique* (2021), *Le Coq solitaire* (2019), *Les Cigognes sont immortelles* (2018b), *Penser et écrire l’Afrique aujourd’hui* (2017b), *Petit piment* (2015), *Lumières de Pointe-Noire* (2013), *Ma Soeur-Étoile* (2010) e *Verre cassé* (2005).

(CLAVARON, 2011, p. 197),¹⁶ revelando “uma estratégia familiar a literaturas pós-coloniais, que visam reinvestir uma tradição oral abalada pela colonização ao mesmo tempo que se apropriam dos gêneros literários ocidentais” (2011, p. 197).¹⁷ Irena Wyss (2017, p. 96), por outro lado, classifica a prática como prosopopeia, concluindo que este recurso visa dar a voz, ainda que de papel, a “figuras tradicionalmente mudas”,¹⁸ permitindo “responder a G. Ch. Spivak e afirmar que os subalternos podem falar, para retomar o título de sua obra *Pode o subalterno falar?*” (p. 96, n. 62).¹⁹ A nosso ver, entretanto, a designação prosopopeia desloca o foco de maneira mais incisiva ao elemento humano que se situa por trás das “entidades tradicionalmente mudas” (p. 84),²⁰ a quem ele empresta suas características como a voz, as palavras e os sentimentos, retirando a agência e a “soberania do sujeito falante” (CLAVARON, 2011, p. 198),²¹ que caracterizam a autobiografia animal. Assim, a prosopopeia tomaria a ficção como uma espécie de farsa onde o verdadeiro autor é desde sempre Mabanckou, enquanto a autobiografia animal, ao assumir o pacto ficcional, está mais aberta a aceitar as implicações completas de ter um porco-espinho enquanto autêntico narrador da história.

Já Annabelle Marie (2013) entende que a verdadeira autoria de *Memórias de porco-espinho* seria proveniente de Patrice Nganang (2001) e sua obra *Temps de chien*, fruto de uma rivalidade mimética não assumida por parte de Mabanckou. Nessa interpretação, a fala do porco-espinho não seria nada além de um filtro para camuflar três desvios: Mabanckou passando-se por Copo Quebrado, e este, já falecido, sendo representado por um terceiro personagem, seu amigo, o Escargô cabeçudo. Para a autora, tais camadas ou manobras narrativas, “ao delegarem ao infinito uma fala cuja origem tende a se perder” (MARIE, 2013, p. 78),²² fazem uma referência indireta à obra de Patrice Nganang, demonstrando como Mabanckou é, ele mesmo, o duplo de outro autor. Ainda que os pontos

¹⁶ “[...] une volonté d’africaniser le cadre et de recentrer le point de vue sur un autre continent”.

¹⁷ “[...] une stratégie familière à la littérature postcoloniale, qui vise à réinvestir une tradition orale longtemps bâillonnée par la colonisation tout en s’appropriant les genres littéraires occidentaux”.

¹⁸ “[...] des figures traditionnellement muettes”.

¹⁹ “[...] de répondre à G. Ch. Spivak et d’affirmer que les subalternes peuvent parler, pour reprendre le titre de son ouvrage *Les subalternes peuvent-elles parler?*”.

²⁰ “[...] des entités traditionnellement muettes”.

²¹ “[...] la souveraineté du sujet parlant”.

²² “[...] en déléguant à l’infini une parole dont l’origine a tendance à s’égarer”.

de convergência entre *Memórias de porco-espinho* e *Temps de chien* apontados pela autora sejam de fato esclarecedores e frutíferos de serem abordados em análises comparadas – assim como o notaram Clavaron (2011) e outros autores acerca do mesmo diálogo intertextual –, o enfoque de Marie em aspectos de rivalidade, competição e influências faz com que a análise central do texto se desvie, mais uma vez, da autoria animal, engendrando conclusões que estão mais atentas a supostas rivalidades do que aos diálogos entre os dois autores.

Ao contar a história do ponto de vista de um porco-espinho, Mabanckou reverte a dicotomia humano-animal tanto através da transferência do sujeito tipicamente dotado de fala quanto a partir de outras estratégias adotadas ao longo do romance. O porco-espinho possui linguagem, consciência, atividades intelectuais complexas e experimenta uma ampla variedade de sentimentos tipicamente associados apenas aos seres humanos, mostrando-se inclusive consciente desse fato por meio de afirmações provocativas sobre a pretensa superioridade dos seres humanos, como quando afirma que “os homens estão equivocados ao se vangloriar disso, estou convencido de que eles não nascem inteligentes, eles se beneficiam certamente de uma aptidão para isso, a inteligência é uma semente que precisamos regar para ver um dia florescer” (MABANCKOU, 2017a, p. 16), ou ainda “adoraria me divertir de tempos em tempos, mostrar que o riso não foi sempre próprio ao homem” (p. 21). Ele medita, realiza análises de suas atividades com o seu mestre, maneja ideias abstratas, procura soluções para obstáculos, busca compreender o que há por trás de cada ideia e conceito, é capaz de ler fluentemente e sublinhar com a ajuda de seus espinhos (p. 13), sente tristeza, piedade, remorso, compaixão, chora e ri. O ponto de vista animal é ainda evidenciado pelos termos que utiliza para se referir ao mundo, como a sua definição de seres humanos como “os primos-irmãos do macaco” (pp. 24, 31, *passim*) ou de objetos como o avião enquanto um “pássaro barulhento que rasga o céu e esquece toda vez de refazer o teto” (p. 60).

Críticas às atitudes dos seres humanos são também constantes ao longo do livro, com o porco-espinho chegando a questionar sua função de duplo nocivo subordinado aos seres humanos e declarar a sua vontade de se tornar um duplo pacífico. Do ponto de vista de Kibandí, o porco-espinho lhe devia submissão, não passando de um mero figurante em sua narrativa. Já o porco-espinho, apesar de sempre obedecer o mestre e assumir a sua tarefa de duplo “como uma tartaruga carrega a sua

carapaça” (MABANCKOU, 2017a, p. 12), não tem a mesma concepção sobre seu papel, afirmando diversas vezes que, se não fosse por ele, Kibandí “não teria passado de um vegetal miserável, a sua vida humana não teria valido nem mesmo três pinguinhos de xixi do velho porco-espinho que nos governava na época em que eu ainda fazia parte do mundo animal” (p. 11), consciente de que ele possuía a vida de Kibandí entre suas patas (p. 28). Depois que é tomado por uma enorme culpa ao assassinar um bebê a pedido de seu mestre, o porco-espinho confessa sentir vergonha de si mesmo, “o lado humano tomando conta cada vez mais do meu lado animal, me achei patético, covarde, um pobre egoísta” (p. 18).

Não somente o narrador porco-espinho apresenta tais críticas aos humanos, como também os companheiros de sua comunidade. Curiosos por saber mais sobre os hábitos dos humanos com os quais o porco-espinho tem contato devido à sua condição de duplo, outros porcos-espinhos o questionam sobre “a condição humana, a relação dos homens com os animais”, buscando saber “se os homens tinham consciência do mal que infringiam aos animais, se se davam conta da sua arrogância, da sua superioridade autoproclamada” (MABANCKOU, 2017a, p. 31). O porco-espinho que governa a comunidade é, aliás, uma das personagens mais críticas às atitudes humanas, declarando que os seres humanos são indefensáveis,

[...] a pior das criaturas que podiam existir sobre a terra, que não tinha circunstâncias atenuantes, e já que os humanos nos fazem levar a vida dura, já que eles são *hostis e surdos* ao nosso chamado à *coexistência pacífica*, já que são eles que vêm nos caçar na savana [...], é preciso lhes dar o troco (MABANCKOU, 2017a, p. 31, grifos nossos).

A complexidade da construção narrativa, entretanto, pede que tenhamos cuidado ao reafirmar dicotomias rigorosas, apenas invertidas, uma vez que algumas passagens na obra levam a ideias conflitantes por parte do porco-espinho. Ao que tudo indica, ele parece também classificar animais de outras espécies de forma similar a como os humanos classificam os porcos-espinhos, a exemplo de seus comentários sobre os pardais – “são os pássaros mais tolos do país, não quero generalizar a idiotice deles às outras espécies de vertebrados cobertos de plumas, dotados de um bico e cujos membros traseiros servem ao voo” (MABANCKOU, 2017a, p. 24) –, de seu já mencionado preconceito ou arrogância com relação a outras espécies de animais e, mais significativamente, da conclusão a que chega, após ler a Bíblia, “de que *os homens se mantinham à frente de nós, os animais*, já que eles podiam consignar os pensamentos, a

imaginação no papel” (p. 52, grifos nossos). Assim, a inscrição de um contraponto entre os seres humanos e suas atitudes extremamente hostis para com os animais, por um lado, e os pontos de vista complexos desses animais com relação aos humanos, por outro, simbolicamente não generalizando os animais como uma única e homogênea entidade, desencoraja uma leitura exclusivamente metafórica do texto, na qual os animais seriam uma substituição simbólica para os seres humanos e a narrativa seria uma fábula elaborada a fim de ensinar aos humanos lições sobre si mesmos. Se, por um lado, “a violação deliberada das categorias representacionais que usamos para manter os animais em seu lugar desautoriza a compartimentalização fácil, forçando-nos a ver [os porcos-espinhos] de forma mais holística” (HUGGAN; TIFFIN, 2010, p. 151),²³ por outro lado, o artifício de apresentar o porco-espinho com atitudes e pensamentos mais próximos dos seres humanos se utiliza dos benefícios e das potencialidades do antropomorfismo ao mesmo tempo em que desencoraja uma leitura antropocêntrica e exclusivamente metafórica da narrativa.

Conforme observam Huggan e Tiffin, as diferenças históricas e socialmente construídas entre cada espécie ou grupo animal frente aos seres humanos são menos significativas a respeito de aspectos culturais, anatômicos ou fisiológicos do que a respeito das relações de poder envolvidas nessas classificações, uma vez que a ciência, enquanto discurso dominante de nossos tempos, oferece apenas uma abordagem possível à realidade, com práticas e protocolos próprios que possuem limitações como quaisquer outras abordagens (HUGGAN; TIFFIN, 2010, pp. 151-152). Na obra, são diversas as passagens em que o porco-espinho reflete sobre a desconfiança dos “homens Brancos” com relação a tudo aquilo que não pode ser comprovado cientificamente, sobre a arrogância dos homens frente aos animais e sobre as condições a que os submetem em diversas situações. Numa passagem em que explica ao baobá o que é um romance, o porco-espinho observa:

²³ “[...] the deliberate violation of the representational categories we use to keep animals in their place disallows easy compartmentalisation, forcing us to see the elephants in a more holistic manner”. Nessa e em outras passagens mencionadas no presente texto, Huggan e Tiffin referem-se à obra *The White Bone* (1998) de Barbara Gowdy, passagens estas que entretanto utilizamos para em referência a *Memórias de porco-espinho* por acreditarmos que os dois romances inscrevem estratégias similares de representação dos animais, cujas respostas às problemáticas abordadas possuem implicações igualmente análogas.

[...] romances são livros que os homens escrevem com o objetivo de contar coisas que não são verdadeiras, eles fingem que isso vem da imaginação deles [...] lhe asseguro que os seres humanos se entediam tanto que precisam desses romances para se inventar outras vidas (MABANCKOU, 2017a, p. 63).

Se, num primeiro momento, o exercício metatextual do porco-espinho faz parecer que ele afirma definitivamente que as coisas contadas nos livros não são verdadeiras, sua adição estratégica sobre o fato de que os humanos fingem que isso veio de suas imaginações faz parte de uma autoafirmação do porco-espinho sobre a existência e a validade de sua própria história; história esta que seria tipicamente relegada ao segundo plano, como ele próprio afirma ao reconhecer que não teria o melhor papel sob o ponto de vista de muitos romancistas. Mais à frente, ao discorrer sobre Amêdê – um jovem pretensioso “andava com o peito estufado, simplesmente porque tinha feito longos estudos, simplesmente porque tinha estado em países onde neva” (MABANCKOU, 2017a, p. 62), considerado culto e inteligente pelos habitantes do vilarejo, que era habitante da Europa e havia retornado ao vilarejo para visitar sua família –, nos deparamos com conflitos decorrentes da chamada condição pós-colonial. No episódio em que “a ciência dos Brancos” e as tradições ancestrais do vilarejo se chocam, o porco-espinho observa que

[...] esses homens que vão à Europa [...] se tornam tão limitados que estimam que as histórias de duplos só existem nos romances africanos, e *isso os diverte mais do que os incita à reflexão*, preferem raciocinar sob a proteção da ciência dos Brancos, e aprenderam raciocínios que os fazem dizer que cada fenômeno tem uma explicação científica (MABANCKOU, 2017a, p. 65, grifos nossos).

Ao chamar explicitamente atenção para o fato de que os romances africanos são antes motivo de diversão do que de reflexão, *Memórias de porco-espinho* lança luz sobre o potencial e a centralidade do papel da literatura como catalisadora de ações sociais e políticas por meio da atividade intelectual e da reflexão. A esse respeito, a ponderação do porco-espinho sobre os meios que ele poderia utilizar para ter certeza de que ainda estava vivo (mesmo após a morte de Kibandí, já que habitualmente a morte de um mestre leva à morte de seu duplo e vice-versa) é significativa: “refleti que, se eu pensava, eu existia” (MABANCKOU, 2017a, p. 17). A reescrita animal do questionamento metafísico de Descartes inscreve um diálogo instigante com aquela que é considerada a epítome da divisão ocidental entre mente e corpo, frase que se insere na esteira de suas reflexões sobre os animais serem meros autômatos ou máquinas: *cogito*

ergo sum. Segundo Philip Armstrong, não é por acaso que tanto os críticos pós-coloniais quanto os defensores da causa animal compartilham de uma antipatia em relação a Descartes,

[...] cuja notória recusa em reconhecer a capacidade de os animais experienciarem até mesmo a dor de sua própria dissecação é a necessária contraparte de sua igualmente famosa inflação do ego humanista e imperialista moderno enquanto aquilo que existe apenas porque pensa (ARMSTRONG, 2002, p. 414).²⁴

Assim, analisar o papel que os animais e as representações dos animais possuem na literatura constitui uma tarefa necessária para fomentar “o respeito a diferenças locais, à suspeição de teorias e valores que clamam autoridade absoluta e comprometimento com o diálogo constante para com conhecimentos culturais outrora reprimidos” (ARMSTRONG, 2002, pp. 416-417).²⁵ Ao desafiar dualismos típicos da racionalidade cartesiana predominante, Mabanckou lança luz sobre a necessidade de repensarmos os padrões classificatórios com relação a humanos e animais, construindo uma autobiografia animal potente e com implicações significativas para caminharmos no sentido de destituir, gradualmente, as ideologias racistas e especistas que fundamentam genocídios de uma grande diversidade de seres humanos e não-humanos, enquanto postulam a superioridade de uma minoria.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José. *O vendedor de passados*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.
- ARMSTRONG, Philip. The postcolonial animal. *Society & Animals*, v. 10, n. 4, 2002, pp. 413-419. Disponível em: <<https://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2015/11/armstrong.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- BARBERY, Muriel *et al.* Pour une littérature-monde en français. *Le Monde*, v. 16, 2007. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html>. Acesso em: 13 dez. 2021.

²⁴ “[...] whose notorious refusal to allow animals the capacity to experience even the pain of their own dissection is the necessary counterpart to his equally famous inflation of the modern humanist and imperializing ego as that which exists only because it cogitates”.

²⁵ “[...] respect for local differences, suspicion of theories and values that claim absolute authority, and commitment to ongoing dialogue with formerly repressed cultural knowledge.” .

- BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *Manual de zoología fantástica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- BRUGIONI, Elena. Literary Cartographies and Humanistic Criticism. The Indian Ocean as a “Critical Paradigm”. In: MACEDO, Ana Gabriela; SOUSA, Carlos Mendes; MOURA, Vítor (orgs.). *Humanidades: novos paradigmas do conhecimento e da investigação*. Nova de Famalição: Húmus Edições-CEHUM, 2013, pp. 87-100.
- BUALA. Entregas das assinaturas: Campanha por outra Lei da Nacionalidade”. *Dá Fala: Blogue de Cultura Africana Contemporânea*. 13 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://www.buala.org/en/da-fala/entrega-das-assinaturas-campanha-por-outra-lei-da-nacionalidade>>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- BUENO, Wilson. *Jardim Zoológico*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- CARRIÓN, Jorge. El premio Nobel de Literatura es incorregible. ¿Hay alternativa?. *The Washington Post*, 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/es/post-opinion/2021/10/07/nobel-de-literatura-2021-premio-abdulrazak-gurnah/?fbclid=IwAR2ko4wQnhOwGT2Dhfsv68OQhcolnu_4h4bx_MnfVSTiig_BGfFhE9U-TGA>. Acesso em: 8 dez. 2021.
- CLAVARON, Yves. Chroniques animales et problématiques postcoloniales. *Revue de Littérature Comparée*, v. 2, n. 338, 2011, pp. 197-211. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2011-2-page-197.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- COETZEE, John Maxwell. *Desonra*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COETZEE, John Maxwell. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DEVÉSA, Jean-Michel. L’Afrique à l’identité sans passé d’Alain Mabanckou. D’un continent fantôme l’autre. *Afrique Contemporaine*, v. 1, n. 241, 2012, pp. 93-100. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-afrique-contemporaine-2012-1-page-93.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- DIOME, Fatou. L’écrivaine Fatou Diome: “il ne faut plus se taire”. *Elle*, 14 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.elle.fr/Societe/Interviews/L-ecrivaine-Fatou-Diome-il-ne-faut-plus-se-taire-3471689>>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- GONÇALVES, Bianca Mafra. Existe uma literatura negra em Portugal? *Revista Crioula*, n. 23, 2019, pp. 120-139.
- HENRIQUES, Joana Gorjão. Falar de etnias ainda é tabu. *Público*, 22 de novembro de 2012. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2012/11/22/sociedade /noticia/falar-de-etnias-ainda-e-tabu-1572743>>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão tinoso!* São Paulo: Kapulana, 2017.

- HUGGAN, Graham; TIFFIN, Helen. *Postcolonial Ecocriticism. Literature, Animals, Environment*. Nova York: Routledge, 2010.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MABANCKOU, Alain. *Verre cassé*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- MABANCKOU, Alain. *Mémoires de porc-épic*. [ebook]. Paris: Éditions du Seuil, 2006.
- MABANCKOU, Alain. *Ma soeur-Étoile*. Paris: Éditions du Seuil, 2010.
- MABANCKOU, Alain. *Lumières de Pointe-Noire*. Paris: Éditions du Seuil, 2013.
- MABANCKOU, Alain. *Petit piment*. Paris: Éditions du Seuil, 2015.
- MABANCKOU, Alain. *Memórias de porco-espinho*. [ebook]. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.
- MABANCKOU, Alain. *Penser et écrire l'Afrique aujourd'hui*. Paris: Éditions du Seuil, 2017b.
- MABANCKOU, Alain. *Copo Quebrado*. Rio de Janeiro: Malê, 2018a.
- MABANCKOU, Alain. *Les Cigognes sont immortelles*. Paris: Éditions du Seuil, 2018b.
- MABANCKOU, Alain. *Le Coq solitaire*. Paris: Éditions du Seuil, 2019.
- MABANCKOU, Alain. *Huit leçons sur l'Afrique*. Paris: Éditions du Seuil, 2021.
- MACIEL, Maria Esther. Zoopoéticas contemporâneas. *Remate de Males*, v. 27, n. 2, jul./dez. 2007, pp. 197-206.
- MACIEL, Maria Esther. *O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lumme Editor, 2008.
- MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem – coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- MARIE, Annabelle. La Mémoire longue du porc-épic (à propos d'un roman d'Alain Mabanckou). *Nouvelles Études Francophones*, v. 28, n. 1, 2013, pp. 77-88. Disponível em: <<http://www.jstor.com/stable/24244751>>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- NGANANG, Patrice. *Temps de chien*. Paris: Le Serpent à Plumes, 2001.
- NOGUEIRA, Paula S. D. *Espinhas da tradução: uma leitura de Mémoires de porc-épic, de Alain Mabanckou*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia,

Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas, 2017.

PLUMWOOD, Val. Decolonizing Relationships with Nature. In: ADAMS, William H.; MULLIGAN, Martin (orgs.). *Decolonizing Nature: Strategies for Conservation in a Post-Colonial Era*. Londres: Earthscan, 2002, pp. 51-78.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SAÚTE, Nelson. Freddie Mercury era cantor tanzaniano?. *Carta de Moçambique*, 2021. Disponível em: <<https://cartamz.com/index.php/blogs/item/9025-freddie-mercury-era-cantor-tanzaniano>>. Acesso em: 8 dez. 2021.

TAWADA, Yoko. *Memória de um urso-polar*. Trad. Lúcia C. Abreu e Gerson R. Neumann. São Paulo: Todavia, 2019.

WYSS, Irena. Métissage mémoriel chez les écrivains de la migritude: *Kétala* de Fatou Diome et *Mémoires de porc-épic* d'Alain Mabanckou. *Études de Lettres [on-line]*, v. 3, n. 4, 2017, pp. 83-100. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/edl/2486>>. Acesso em: 8 dez. 2021.

Recebido: 28/3/2022

Aceito: 25/11/2022

Publicado: 13/12/2022